



A Hermenêutica do Sujeito de Michel Foucault

Resumo da aula de 20 de janeiro de 1982 (Primeira Hora e Segunda Hora), proferida por Michel Foucault no *Collège de France*.

Parte do Curso Preparatório para o II Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura: Hermenêutica do Sujeito e Parrhesía.

Por: **Sarug Dagir Ribeiro**
Mestre em Letras: Estudos Literários

Nesta aula de Michel Foucault ministrada no *Collège de France* em 20 de janeiro de 1982 ele faz uma análise do cuidado de si deslocando do Alcibíades de Platão (428 – 347 a.C.) aos dois primeiros séculos de nossa era, abordando aí leituras de textos de Epicuro, Musonius Rufus, Sêneca, Epicteto, Filon de Alexandria, Luciano, etc. Ou seja, autores do período do renascimento da cultura clássica do helenismo, antes da difusão do cristianismo. Foucault propõe uma evolução do cuidado de si baseada num estudo léxico em torno de uma série de expressões como: *epimeleîsthai heautoû* (ocupar-se consigo mesmo, preocupar-se consigo, cuidar de si), *prosékhein tôn noûn* (voltar o olhar para si), *tékhnē tou bíou* (arte da vida, arte da existência), *anakhóresis eis heautón* (retiro em si mesmo), *epiméleia tês psychês* (cuidado com a própria alma), *enkráteia* (o domínio de si sobre si), *therapeúein heautón* (cuidar-se, ser seu próprio servidor e prestar um culto a si mesmo), *epistrophé eis heautón* (conversão a si), etc. Essas séries de expressões mostram como o cuidado de si se desenvolveu e manifestou-se neste período, transformando-se em uma atividade autônoma e plural nas suas formas, diferenciado bastante da concepção do Alcibíades, tido como marco histórico e chave de inteligibilidade do cuidado de si.

Lembremos que no texto de Alcibíades quem deve ocupar-se consigo mesmo são os jovens aristocratas, alguém que, por *status*, deve um dia dirigir a cidade¹. Sendo, portanto, o objeto do cuidado de si o eu (a alma), mas a finalidade é a cidade. Isso muda para o cuidado de si não mais pela cidade, mas por si mesmo e o corpo e a alma passam a ser objetos de uma mesma atenção, havendo uma forte relação entre filosofia e medicina. Mas essa concepção de cuidado de si é rompida por meio de uma longa evolução como mostra Foucault. Nos séculos I e II há todo um vocabulário a propósito do cuidado de si que não se refere simplesmente a conversão do olhar, a esta vigilância necessária sobre si (*skeptéon sautón*), mas também a um movimento global da existência que é conduzida a girar em torno de si mesmo, o voltar-se para si (*metánoia, convertere*). Algumas expressões que se referem às condutas particulares em relação a si são diretamente inspiradas no vocabulário médico como: tratar-se, curar-se; outras expressões são do tipo jurídico como: reivindicar-se a si mesmo; há também expressões que designam atividades de tipo religioso em relação a si mesmo, como: cultuar-se, honrar-se, respeitar-se; e há outras expressões que designam certo tipo de relação de domínio e soberania como: ser mestre de si; e também outras de sensações como: sentir prazer consigo, alegrar-se consigo, ser feliz em presença de si, etc. Com essa série de expressões Foucault mostra como o cuidado de si se desenvolveu e manifestou-se nesse período histórico que ele escolheu, destacando que essa atividade passa de ser uma atividade de conhecimento (Alcibíades) para abranger toda uma prática de si autônoma, autofinalizada e principalmente diversificada nas suas formas. Torna-se coextensivo à vida individual e a sua generalização deve estender-se a todos os indivíduos, quaisquer que sejam, mesmo que com restrições (não mais somente as elites).

¹ Recordemos uns dos primeiros dizeres de Sócrates a Alcibíades: “... Em primeiro lugar dizes-te muito belo e muito alto e nisto toda a gente estará de acordo; em seguida, que pertences a uma das famílias mais importantes da maior das cidades gregas.” Cf. *Alcibíades*, [104a].

Como naquela época havia toda uma crítica da pedagogia ateniense como sendo incapaz de assegurar a passagem da adolescência à idade adulta, o cuidado de si era um imperativo ligado a esta crise pedagógica, deste momento entre a adolescência e a idade adulta (lembramos que Alcibiades era um jovem que vivia essa passagem). Foucault mostra que nos séculos I e II não é neste ponto da vida, nesta fase conturbada e crítica do fim da adolescência que se afirmará a necessidade do cuidado de si. Mesmo que o cuidado de si tenha sido uma obrigação permanente que deve durar a vida toda em todos esse períodos, lembramos da célebre passagem de Epicuro em *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*². Podemos dizer que Foucault descobre que o cuidado de si é uma atividade do adulto, ou seja, nos séculos I e II o eixo temporal privilegiado do cuidado de si deixa de estar no período da adolescência para situar-se no meio da idade adulta, ou mesmo no final da idade adulta, a velhice. O que para melhor ilustrar isso Foucault recupera um grupo importante, embora enigmático e pouco conhecido, pois dele só sabemos através de um único texto de Fílon de Alexandria, *De vita contemplativa*, o famoso **grupo dos Terapeutas**. Era um grupo de pessoas que se haviam retirado para as redondezas de Alexandria e viviam em uma espécie de pequenos jardins onde cada um dispunha de uma cela ou um quarto para morar, com espaços comunitários. Podem ser chamados de ascéticos e que tem como um dos seus objetivos a *epiméleia tês psychês* (ter cuidados com a alma). Eles cuidavam da alma como os médicos cuidam do corpo, e também praticavam o culto do Ser (*therapeúousi to ón*), cuidam do Ser e cuidam da própria alma, realizando as duas coisas ao mesmo tempo, é na correlação entre o cuidado do Ser e o cuidado da alma que eles podem

² “Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir.”

intitular-se “Terapeutas”. Chamo a atenção aqui para não confundirmos o Ser com um ente. Esse Ser é o da ontologia, cabendo enfim uma delimitação e uma definição mais apurada, remeto, então, vocês aos ensinamentos valiosos do sábio filósofo Martin Heidegger em sua obra magistral *Ser e Tempo*. Contudo, este não é tema desta nossa aula de hoje. Voltando a falar desta comunidade dos Terapeutas, eles tinham, por um lado, práticas culturais e religiosas, por outro lado, acentuado trabalho intelectual e teórico, e por outro, eles tinham os cuidados com o corpo (uma vez por semana) e os cuidados com a alma (todos os dias).

Assim, esta centralização do cuidado de si, do período da adolescência ao da maturidade ou final da maturidade, acarretará algumas conseqüências do ponto de vista de Foucault. **Primeiro**, a partir do momento em que o cuidado de si torna-se assim uma atividade adulta, sua função crítica vai evidentemente acentuar-se. A prática de si terá um papel corretivo e formador. No Alcibiades a necessidade de cuidado de si tinha como quadro de referência o estado de ignorância em que se achavam os indivíduos. Descobre-se que Alcibiades ignora o que ele quer fazer, isto é, como governar bem a cidade, e percebe-se que ele ignora que não o sabe. E, se, nesta medida, alguma crítica do ensino havia, era principalmente para mostrar a Alcibiades que ele nada aprendera e o que acreditava ter aprendido não passava de vento. Na prática de si que vemos desenvolver-se no decurso do período helenístico e romano, ao contrário, há um lado formador que é essencialmente vinculado à preparação do indivíduo, que não se trata, como no Alcibiades, de formar o indivíduo para tornar-se um bom governante, mas de formá-lo para que possa suportar como convém, todos os eventuais acidentes, todos os infortúnios possíveis, todas as desgraças e todos os reveses que possam atingi-lo. Trata-se de montar um mecanismo de segurança, não de inculcar um saber técnico e profissional ligado a determinado tipo de atividade. Vemos assim o cuidado de si como armadura, equipamento (*paraskeué*), ou seja,

prepara os indivíduos para os acontecimentos. O saber requerido não é o que nos permite conhecer-nos bem, mas o que nos ajuda a agir corretamente em face das circunstâncias. Este aspecto “formador” (*instructio*) não é dissociável do aspecto corretivo. A prática de si impõe-se sobre o fundo de erros, de maus hábitos, de deformação e de dependências estabelecidas e incrustadas e que se trata de abalar, corrigir um mal que está lá (*virtutes discere é vitia dediscere*: aprender as virtudes é desaprender os vícios / famoso dizer da filosofia cínica), corresponde a uma verdadeira reforma de si. A **segunda** consequência será uma aproximação bem marcada entre a prática de si e a medicina, visto que a prática de si passa a ter como função maior corrigir, reparar. Contudo, é bom lembrarmos que a filosofia sempre foi concebida numa relação privilegiada com a medicina, mesmo em Platão e na tradição filosófica pós-platônica. “Chamamos o filósofo como chamamos o médico em caso de doença. E sua ação junto às almas é simetricamente análoga à do médico junto aos corpos.” (Cf. *Hermenêutica do Sujeito*, p.119). Vemos que na filosofia cínica e estoica há uma identidade do quadro conceitual entre filosofia e medicina mais marcado ou acentuado do que em outras épocas. Exemplo: a noção de *páthos* é entendida como paixão e como doença, onde descrevem a evolução de uma paixão como a evolução de uma doença. Vejamos: primeiro estágio: *euemptosía*, a constituição que leva a uma doença; segundo estágio: o *páthos* propriamente dito, movimento irracional da alma; terceiro estágio: o *nósema* que é passagem ao estado crônico da doença; quarto estágio: *arróstema*, espécie de estado permanente de doença; o quinto estágio: o vício, momento em que o indivíduo está completamente deformado, atingido no interior de uma paixão. O mais interessante é que a própria prática de si, tal como a filosofia a define, é concebida como uma operação médica. No centro encontra-se a noção fundamental de *therapeúein* que significa: curar, servir, cultuar. Então, *therapeúein heautón* significa: cuidar-se, ser seu próprio servidor e prestar

um culto a si mesmo.

Resumindo, o deslocamento cronológico da prática de si do final da adolescência para a idade madura ou vida adulta, Foucault tira três conseqüências: a primeira concernente à função crítica desta prática de si, que vem dobrar e recobrir a função formadora; a segunda, concernente à proximidade entre cuidado de si e medicina. Lembremos que em Platão a arte do corpo era nitidamente distinta da arte da alma, por exemplo, no Alcibiades a alma ficava bem especificada como objeto do cuidado de si³. Já para os epicuristas e os estóicos a alma e o corpo estão ligados, o corpo emerge como um objeto de preocupação, onde o “ocupar-se consigo” será, ao mesmo tempo, ocupar-se com a própria alma e com o próprio corpo. Um dos efeitos da aproximação entre medicina e cuidado de si será ter que lidar com toda a imbricação psíquica e corporal que constituirá o centro deste cuidado. A terceira conseqüência deste deslocamento cronológico será a nova importância e o novo valor que a velhice passa a ter. A partir do momento em que o cuidado de si precisa ser praticado durante a vida, principalmente na idade adulta, e em que assume todas as suas dimensões e efeitos durante o período da plena maturidade, compreende-se bem que o coroamento, a mais alta forma do cuidado de si, o momento de sua recompensa, estará precisamente na velhice. Se a velhice for realmente isso, há que se compreender que: a velhice constituirá o momento positivo, o momento de completude, o cume desta longa prática que acompanhou o indivíduo ou à qual ele teve que se submeter durante toda a sua vida. Liberado de todos os desejos físicos, livre de todas as ambições políticas a que agora renunciou, tendo adquirido toda a experiência possível, o idoso será soberano de si mesmo e pode satisfazer-se inteiramente consigo. A velhice quando bem preparada por uma longa prática de si, é o ponto em que o eu, como diz Sêneca, finalmente

³ Cf. Alcibídes, 132c: “... é da nossa alma, que é preciso cuidar, que é ela que é preciso ter em vista. Quanto aos cuidados do corpo e da fortuna é a outros que convém entregá-los.”

atingiu a si mesmo. A velhice deve ser considerada como uma meta positiva da existência. Conseqüentemente, surge uma nova ética, a ética da velhice, que nos colocar em relação à vida em um estado tal que a vivamos como se já a tivéssemos consumado. Devemos viver nada mais esperando da vida, devemos consumir a vida antes da morte (temos aí um jogo entre a velhice real e a velhice ideal). Assim, a velhice permite aceder a plenitude de uma relação acabada consigo mesmo, formando uma ética que se caracteriza ao mesmo tempo pela independência relativamente a tudo que não depende de nós e pela plenitude de uma relação consigo mesmo em que a soberania não se exerce como um combate, mas como um gozo.

Foucault vai falar da extensão qualitativa do cuidado de si, ou seja, ocupar-se consigo não será mais uma recomendação reservada a alguns indivíduos e subordinada a uma finalidade determinada como foi ao jovem Alcibíades que era rico e iria governar a cidade. Não se dirá mais as pessoas o que Sócrates disse a Alcibíades: “se queres governar os outros, ocupa-te contigo mesmo”. Agora se dirá: ocupa-te contigo mesmo e ponto final. O cuidado de si parece surgir como um princípio universal que se endereça e se impõe a todo mundo. Foucault questiona se o cuidado de si constitui numa lei ética universal, ele acredita que não, só pode ser aplicada por um número limitado de indivíduos. O cuidado de si implica sempre em uma escolha de um modo de vida, ou seja, uma separação entre aqueles que escolheram este modo de vida e os outros. Foucault problematiza a questão da Lei, mostrando que a Lei faz parte, como episódio e como forma transitória, da história das técnicas e tecnologias das práticas de si, práticas do sujeito relativas a si mesmo. A Lei é um dos aspectos possíveis da tecnologia do sujeito relativamente a si mesmo. Isso é colocado pela indagação se pode o cuidado de si ser considerado, na cultura helenística e

romana, como uma espécie de Lei geral. A Lei é apenas uma possibilidade ética entre outras.

O cuidado de si helenístico e romano não é um exercício de solidão, mas uma verdadeira prática social, que sempre tomou forma em práticas, em instituições, em grupos de confraria, de fraternidade, de escola, de seitas, etc, que eram distintos entre si e fechados uns aos outros. O cuidado de si generalizou-se como princípio, mas articulando-se sempre como um fenômeno sectário. O cuidado de si não era somente encontrado nos meios aristocráticos, vemos difundido amplamente a uma população menos privilegiada, a uma classe menos favorecida, onde se encontravam práticas de si muito fortemente ligadas à existência de grupos religiosos e a rede de amizades. A amizade na sociedade romana consistia em uma hierarquia de indivíduos ligados uns aos outros por um conjunto de serviços e obrigações; em um grupo no qual cada indivíduo não tinha exatamente a mesma posição em relação aos demais. A amizade era, em geral, centralizada em torno de um personagem em relação ao qual alguns estavam mais próximos e outros menos próximos. Exemplo: Sêneca e Serenus. Havia, pois, dois grandes pólos: por um lado, um pólo popular, mas religioso, mais cultural, teoricamente mais rude; e, na outra extremidade, cuidados da alma, cuidados de si, práticas de si, que são mais individuais, mais pessoais, mais cultivados, mais articulados, freqüentemente mais comum aos meios mais favorecidos e que se apoiavam, em parte, nas redes de amizade. É preciso dizer que o cuidado de si sempre toma forma no interior de redes ou de grupos determinados e distintos uns dos outros, com combinação entre o cultural, o terapêutico, o saber, a teoria, ou seja, trata-se de relações variáveis conforme os grupos, os meios e os casos. Somente no interior do grupo e na distinção do grupo, pode o cuidado de si ser praticado, ele é atravessado pela presença do Outro. Na maioria desses grupos em princípio, não se valida, não se reconhece, não se

aceita a distinção entre ricos e pobres. Um escravo pode ser mais livre que um homem livre, caso este último não tiver se liberado de todos os vícios, todas as paixões e dependências. Assim, não há desqualificação *a priori* de determinado indivíduo por motivo de nascimento ou de *status*. Por outro lado, porém, se todos, em princípio, são capazes de aceder à prática de si, também é fato que, no geral, poucos são efetivamente capazes de ocupar-se consigo, seja por falta de coragem, falta de força, falta de resistência, incapacidade de aperceber-se da importância desta tarefa ou mesmo de executá-la. Finalizo com a afirmação de Foucault: “é este jogo entre um princípio universal que só pode ser ouvido por alguns e a rara salvação da qual, contudo, ninguém se acha *a priori* excluído, que estará, como sabemos, no cerne da maioria dos problemas teológicos, espirituais, sociais, políticos do cristianismo.” (Cf. *Hermenêutica do Sujeito*, p.148)

Obrigada pela atenção de todos e todas e um abraço com votos de saúde e paz.

Belo Horizonte, 21 de agosto de 2009.